



EXPERIÊNCIA DO EDUCADOR NA ERA DA INCLUSÃO DIGITAL COM ALUNOS DO PROGRAMA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA CIDADE DE JUAZEIRO - BA: UM ESTUDO DE CASO.

Bruno Henrique de Souza Ribeiro

Graduado em Gestão da Tecnologia da Informação pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (Petrolina/Brasil). Professor na Secretaria de Educação do Município de Sobradinho (Sobradinho/Bahia).
brhesori@gmail.com

Uéverson Mendes Oliveira

Especialista em Língua Inglesa pela Universidade Salvador (Salvador/Brasil). Professor na Secretaria de Educação do Estado da Bahia (Novo Horizonte/Bahia).
ueverson_oliveira@hotmail.com

RESUMO

A inclusão digital na dinâmica de vida dos indivíduos é uma necessidade da época em que vivemos. Aprender a manusear as tecnologias é um papel essencial na vida do educador para a formação do pensamento crítico do educando. Neste estudo de caso, será relatada a experiência vivenciada por educadores da Inclusão Digital e educandos da EJA - Educação de Jovens e Adultos de uma empresa da cidade de Juazeiro-BA. Tentar quebrar barreiras, diminuir obstáculos e facilitar a interação educador-educando-computador, foi o que motivou à realização de uma abordagem a essas pessoas em relação as aulas realizadas nos laboratórios de informática, as quais ocorriam três vezes por semana na própria empresa. Relatando os entraves, dificuldades e a relevância das descobertas do mundo tecnológico, este trabalho irá mostrar o contato do educando e do educador com o computador e a grande oportunidade de utilizar o conhecimento da informática no cotidiano dessas pessoas. O computador passa a fazer parte das turmas da EJA como uma fonte extra de aprender a ler e a escrever e deixa de ser apenas um fator de inclusão digital que os integra na sociedade. É um novo método para desenvolver os diferentes processos de ensino-aprendizagem na fase adulta e estimular aos educadores o dinamismo em suas aulas e motivar os educandos a não desistirem de aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Educador; Educando; EJA; TDIC.

1 INTRODUÇÃO

“Nas condições verdadeiras de aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 29).

Para Quintas e Muñoz (1986 *apud* REGO, 2018, p. 39) “todo educador é necessário que possua uma ideia clara de educação”. Vianna (2006, p. 130) compreende que “educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”. As definições de



educação podem ser diversas, podem depender de contexto, propósitos, área etc., cada experiência pode alterar algum elemento ou totalmente tais definições. Para Calleja (2008)

as definições de educação, geralmente, tem vários pontos em comum, especialmente, pois colocam o indivíduo como sujeitos no centro da atividade e caracterizam a educação como um processo de influência sobre as pessoas que conduz a sua transformação e as capacita para interagir com o meio (CALLEJA, 2008, p. 109).

Deste modo, entende-se que a educação é uma atitude que praticamos ao longo do tempo sobre as pessoas que formam a sociedade, com o objetivo de capacitá-las. Como exemplo desta ação para capacitar cidadãos, temos os meios tecnológicos utilizados para fins educacionais que, ao mesmo tempo que colabora para diminuir os quadros sociais, torna o ensino e aprendizagem dinâmicos.

Ainda é recente o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC pelos educadores nas salas de aulas brasileiras. Para as realidades tradicionais pouco usufruem dos recursos que as TDIC oferecem como fator inovador do meio midiático nos processos de ensino e aprendizagem. A tecnologia não é a solução para construirmos a educação dos sonhos, no entanto, percebe-se que ela vem a todo tempo dando sua parcela de contribuição para uma melhor civilização do direito de estudar e aprender de um modo mais lúdico e interativo.

Dessa maneira, para Silva (2007) a grande evolução que o computador promove é permitir uma educação massificada, no sentido de que há muita informação disponível, e ao mesmo tempo individualizada. Chegará o momento em que o ensino não será mais pautado no uso do livro didático. Os livros estarão melhores e adequados à informática, até mesmo com sugestões de sites e atividades. As aulas expositivas, o papel, as pesquisas de campo, os trabalhos de laboratórios, as consultas na web são recursos complementares, que devem ser utilizadas de maneira integrada e inteligente. Assim, esse estudo de caso teve como objetivo relatar a experiência do educador de Inclusão Digital no ensino da EJA - Educação de Jovens e Adultos e, ao mesmo tempo, promover a inserção dos educandos no mundo tecnológico educacional, compreendendo as limitações de cada indivíduo e respeitando o seu tempo de aprendizagem.



A atual era está remodelando as culturas tradicionalistas de sala de aula e, ao mesmo tempo, renovando o modo de aprendizagem dos educandos, no qual, de acordo com Geertz (1973), a cultura também se movimenta como um polvo — não ao mesmo tempo, como uma sinergia de partes perfeitamente coordenadas, como uma compulsão maciça de todo, mas através de movimentos desarticulados desta parte, depois daquela, e depois ainda da outra, que de alguma forma se acumulam para uma mudança direcional. Entretanto, é de extrema importância que haja reciprocidade entre docentes e discentes, uma vez que, notebooks, celulares e plataformas com internet sirvam como meio para mediar a interação entre professores e seu alunado.

Baseado no foco desse estudo de caso, o educador executa um papel importante e muito sábio dentro da sociedade, ele tem que integrar as pessoas, motivando-as e fazendo compreender as alterações que estão acontecendo na vida de cada uma delas, ao mesmo tempo, ele precisa se atualizar para ser um mediador de sucesso, tendo em mente que a tecnologia e todos os seus meios não substitui seu trabalho, mas agregará novas metodologias no planejamento das aulas e novos recursos na complementação dos conteúdos, deixando a sala de aula mais divertida e os alunos mais interessados pelos conteúdos ministrados.

Para corroborar, Belloni (1999) relata em um dos seus estudos, que é preciso motivar os educadores para adentrar neste ‘novo’ como também é preciso que as universidades ofereçam para os futuros profissionais uma formação de qualidade que atenda as expectativas e necessidades, para que assim apropriem-se das tecnologias da informação e comunicação e saibam utilizá-las como ferramenta e recurso pedagógico. Sem dúvidas, os meios tecnológicos passam a ser essenciais no âmbito escolar, pois além de democratizar o conhecimento, estrutura a forma de pensar do indivíduo, motivando-os a aprender.

1.1 BENEFÍCIOS DA TECNOLOGIA ALIADA A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

De uma forma muito inteligente, Nevado (1996), elabora um novo espaço para aprender a partir da ampliação e transformação de contextos, eliminando distâncias físicas e promovendo a construção cooperativa de conhecimentos, o desenvolvimento da consciência R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.



crítica entre o favorecimento das soluções criativas para os novos problemas que se impõem. Esse novo espaço que o autor enfatiza, faz o uso dos diversos recursos tecnológicos para deixar ainda mais rica as salas de aula, em que cada educando é um sujeito ativo em processo de interação com outros educandos, educadores e até mesmo com a sociedade. É um novo mundo educacional e novas práxis pedagógicas sendo privilegiadas com as TDIC.

Leite (2011) em uma das suas publicações, relata que os educadores já observam ganhos com o uso das ferramentas de tecnologias. Segundo ele, o mais mencionado por educadores, é a adoção de muitos materiais e de vários tipos e com uma melhor qualidade, além de uma nova adoção de metodologias de ensino, do reconhecimento dos educadores que já consideram-se mais eficazes em sua profissão.

A tecnologia é essencial nas relações sociais e na produtividade do indivíduo. É um novo espaço de ação de cidadania e até mesmo de garantia à sobrevivência frente às organizações públicas e privadas. Repassar a tecnologia no ambiente escolar é uma iniciativa democrática e um sinal que novas políticas estão sendo implantadas na educação.

1.2 PAPEL DAS TDIC - TECNOLOGIA DIGITAL DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação referem-se à conjugação da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações. As mesmas também são utilizadas para fins educativos, com o papel de apoiar e melhorar a aprendizagem dos educandos e desenvolver ambientes de aprendizagem mais atrativo e interativo.

Postman (2002, p. 218) argumenta que “a educação tecnológica não é uma disciplina técnica. É um ramo das humanidades.”. A educação tecnológica só acontece quando se ensina aos estudantes a história das diferentes tecnologias e dos seus criadores, dos seus efeitos na economia, e ainda de como elas estão refazendo o mundo. Postman (2002) ainda enfatiza que “será necessário mostrar como as tecnologias criam novos mundos para o bem e para o mal”.

Um novo mundo está sendo criado e a educação está caminhando junto com essa mudança. As novas gerações serão privilegiadas com um método de ensino altamente



tecnológico e eficaz na sua formação. Para Arendt (2005) “a novidade é e deve ser trazida pelas novas gerações. É este o fluxo e destino natural e cultural da humanidade”.

2 METODOLOGIA

A fim de trazer um entendimento mais claro do que foi relatado no decorrer desse estudo de caso, foi necessário realizar um estudo descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, pois desse modo conseguimos estabelecer uma maior aproximação com a rotina e as experiências vividas.

Andrade *et al.* (2017, p. 2) definem o estudo de caso como uma abordagem didática para problematizar uma situação a fim de aproximar a teoria e a prática. Para Llewellyn e Northcott (2007) citado em Freitas e Jabbour (2011, p. 10) é um procedimento metodológico que enfatiza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade. Gil (2007) ainda define como estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.

Os estudos exploratórios são, de acordo com Selltiz *et. al* (1974) *apud* Freitas e Jabbour (2011, p. 8), “todos aqueles que buscam descobrir ideias e soluções, na tentativa de adquirir maior familiaridade com fenômeno de estudo”. Nessa perspectiva Tonetto *et al.* (2014, p. 183) argumentam que pesquisas exploratórias são utilizadas quando se deseja obter dados sobre a natureza de um problema. É, mais uma vez, oportuno lançar mão dos estudos de Freitas e Jabbour (2011, p. 8) quando estes trazem considerações sobre estudo descritivos baseado em Vergara (2004, p. 47) ao mostrar que tal metodologia “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso em explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

Para Triviños (1987, p. 110 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 22) “o estudo descritivo pretende descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”. A pesquisa descritiva visa efetuar a descrição de processos, mecanismos e relacionamentos existentes na realidade do fenômeno estudado, utilizando, para tanto, um conjunto de R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.



categorias ou tipos variados de classificações (NEUMAN, 1997 apud MACIEL *et al.* 2020, p. 666). No cenário pesquisado há inúmeras observações a serem mostradas e pontuadas e, nesse sentido, o estudo descritivo torna-se mais eficiente pois “essa metodologia de pesquisa é recomendada, quando se tem a intenção de descrever um número maior de observações” (MACIEL *et al.* 2008, p. 666).

Por fim a abordagem qualitativa sobre a qual Gil (1999 apud OLIVEIRA, 2011, p. 24) informam:

o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

A percepção do fenômeno dentro do seu contexto que Triviños (1987) evidencia, é fundamental para que se consiga alcançar os propósitos sobre os quais esse artigo versa que é apresentar um panorama que sobre a inclusão digital e como educadores e educandos se comportam nesse cenário.

O estudo de caso foi aplicado com educadores e educandos da EJA, com a faixa etária entre 18 e 55 anos, que integram uma determinada empresa na cidade de Juazeiro- Ba.

O curso de Inclusão Digital da empresa em questão, tem como objetivo promover o conhecimento básico relacionados ao uso do computador e da internet, para facilitar o corpo docente no laboratório de informática, favorecendo também um novo aprendizado e a inserção dos educandos no mercado de trabalho. Os critérios para ter direito ao curso é ter idade igual ou superior a dezoito anos e está matriculado no ensino da EJA da empresa.

O processo de coleta de dados aconteceu no laboratório de informática, a partir de observações e questionamentos envolvendo educandos e educadores em sala de aula. A população do estudo foi constituída por sessenta educandos, sendo vinte educandos em cada turma, formando assim três turmas de Inclusão Digital na EJA e por três educadores da empresa que ministravam aulas do currículo escolar dos educandos.

Foram utilizados também para a realização desse estudo de caso, materiais publicados em livros, artigos acadêmicos e dissertações disponíveis na base de dados de bibliotecas



virtuais do ano de 2019, como por exemplo, o Google Acadêmico, Scielo, Revistas Digitais e sites variados relacionados ao tema de pesquisa.

3 RESULTADOS

A ideia de aceitar o novo, no sentido de modificar as formas de aprender, se faz presente na rotina escolar. A relação do educando e do educador com as tecnologias da informação e comunicação contribui significativamente para o distanciamento do ensino tradicional e para a aproximação de um ensino alternativo. Freire (2002), em um de seus estudos, diz que é necessário que as TDIC atendam às finalidades do ambiente escolar, modificando assim, as práticas educacionais. Nesse contexto, a inclusão digital é utilizada como um grande recurso para aperfeiçoar o ensino aprendizagem no âmbito escolar, em que o educando tem acesso à informação e ao mesmo tempo pode usá-la de uma forma crítica.

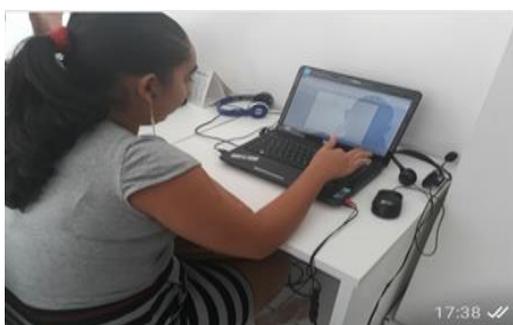
A princípio, durante a experiência com alunos da EJA na inclusão digital, houve uma certa resistência por parte de alguns dos educandos, na qual enfatizaram que tais ferramentas não seriam tão úteis no cotidiano deles. Ouvimos repetidamente que já estavam “velhos demais” para aprender a utilizar o computador, que não tinham paciência para utilizar o computador, e a todo tempo inferiorizam-se que não conseguem, onde até nos pediram para desistir de ensiná-los. Passavam a visão de adultos com baixo nível de escolaridade e de entendimento de mundo, sem expectativas de vida e desmotivados com sua própria realidade. Com o tempo, percebemos que todos eles são advindos de classes populares bem tradicionalistas, portanto, consideradas pela grande maioria da população, uma classe inapta de aprender certos conteúdos básicos da era digital.

Como não poderia ser diferente, esses mesmos adultos citados, sentiam - se inseguros e com medo a todo o momento, apresentavam dificuldades para manusear o mouse e até mesmo dificuldades ao teclar, e encontrar as letras do teclado do computador. Liam muito mal as letras de fontes pequenas, e a todo instante pediam a atenção do mediador de inclusão digital. Foi uma reação já esperada, era tudo muito novo, instrumentos novos, que despertava o medo e ao mesmo tempo o desejo em aprender a manusear a máquina.

R. Educ. Technol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.

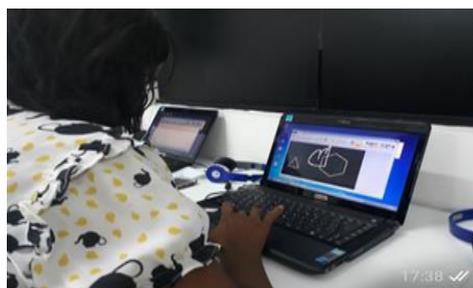
A empresa estudada conta com um laboratório de informática, onde as aulas eram ministradas, e com vinte computadores, sendo um para cada educando realizar as suas atividades, no qual os mesmos têm acesso a sua plataforma de estudos através de um login e senha disponibilizados pela empresa. Logo abaixo, nas imagens 1 e 2 observa - se que as educandas estão procurando as letras do alfabeto no teclado do computador para nomear suas atividades.

Figura 1 – Educanda digitando texto no computador



Fonte: AUTORES (2018)

Figura 2 – Educanda editando o desenho



Fonte: Dos autores (2018)

Aos poucos, foram propostas várias atividades para saber até onde iriam os conhecimentos dos educandos da EJA, além de serem feitas muitas observações durante o curso. Alguns educandos com idades menos avançadas solicitaram atividades mais complexas, demonstravam euforia, queriam utilizar as salas de entretenimentos o mais rápido possível e acessar os aplicativos e programas instalados no computador que até então não sabiam as funcionalidades, porém tinham curiosidades para manusear.



Desde o início da nossa experiência, constatamos que os educandos mais jovens queriam realizar atividades com um grau maior de dificuldade, até mesmo para demonstrar agilidade e habilidade perante aos demais discentes com idades mais avançadas. Os jovens preferiam realizar exercícios, como, salvar e formatar textos e acessar sites da internet, enquanto os adultos queriam apenas, de início saber ligar e desligar o computador sozinho e encontrar as letras com mais facilidades, perceberam que tinham o alfabeto à sua volta em forma de teclas e que poderiam digitar nomes, textos mais curtos e palavras de diversas formas, de várias fontes e de várias cores. Aos poucos eles foram interagindo com os meios tecnológicos e o que era algo assustador, tornou-se aliado para a sua formação.

No decorrer das aulas nos laboratórios de informática, foi feito alguns questionamentos aos três educadores da empresa que constantemente acompanhavam às aulas de inclusão digital para aperfeiçoar-se mais e na oportunidade interagem com os educandos sobre determinados assuntos. Durante os questionamentos um dos educandos informou não ter muito conhecimento sobre informática e tecnologia, e que sabia o básico: “Não vou mentir, sou um pouco leiga nesse assunto. Consigo ligar e desligar o computador, acessar as redes sociais e acessar a plataforma de estudos da empresa. Quando encontro problemas com o acesso à internet entro em contato com o setor de NTI- Núcleo de Tecnologia da Informação da empresa, mas aviso que estou disposta a aprender!”. Nesse contexto, Miranda (2007), enfatiza que “se o professor dominar essas novas ferramentas de tecnologias, poderá apoiar os alunos a explorar as potencialidades destes novos sistemas de tratamento e representação da informação”.

A relação educador-educando foi frequente, como também, educando-computador e educando-educando, na qual os discentes adultos quando tinham dúvidas buscavam ajuda aos mais jovens que estavam ao seu lado, no outro computador. Logo, esses mesmos jovens que os ajudavam, sentiam-se relevantes por ajudar o colega e demonstrar o seu saber e rapidez na prática com o computador. E foi nesse misto de sensações que as aulas de inclusão digital passaram a ser esperadas ansiosamente e os laboratórios de informática tornaram um novo mundo cheio de descobertas. Fundamentando essa experiência, retoma-se a abordagem de Lopes (2005), em que relata que cabe ao professor proporcionar novos ambientes de



aprendizagem, e para que a escola se transforme num espaço prazeroso, é necessário que tanto os educandos quanto os professores estejam envolvidos em sua plenitude.

Com o tempo os educandos já estavam bem mais ágeis, a autoestima deles era notável e a interação com o computador já estava bem visível. Para Geertz (1973), os símbolos ajudam no processo de memorização e de lembranças que trazem uma forma mais fácil de aprender. A forma de aprendizagem, a atenção individual e o respeito ao tempo de aprendizagem fez-se presente a todo momento nos laboratórios de informática. Os educadores que ali estavam assistindo as aulas de inclusão digital, disseram que já notaram mudanças com relação ao ensino aprendizagem dos educandos e que estavam ainda mais motivados depois do curso de Inclusão Digital. Segundo os educadores, as aulas irão passar a ser mais dinâmicas, o curso trouxe novas ideias a serem trabalhadas em salas de aula e novas práxis pedagógicas passarão a ser estabelecidas. É um grande avanço para todos os envolvidos.

3.1 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Ao fim do curso de Inclusão Digital, alguns fatos começaram a ser vistos, mostrando vestígios relevantes do uso das TDIC na rotina dos estudantes e deixando claro as dificuldades, os traumas, e as restrições, quanto ao uso dos recursos computacionais. Também ficou evidente, as dificuldades que os docentes enfrentam para implementar a tecnologia no ambiente escolar, seja por falta de domínio do conteúdo ou resistência do seu público alvo.

Constatamos que os professores, demonstram interesse no assunto, entendimento parcial dos meios tecnológicos, e principalmente sabem da transação na qual a educação está passando, a era da ciência da informação, como também, os mesmos, estão cientes da importância da inserção destes jovens e adultos na era digital.

Para Valente (2011, p. 3)

[...] vivemos num mundo dominado pela informação [...]. Portanto, ao invés de memorizar informação, os estudantes devem ser ensinados a buscar e usar a informação. Essas mudanças podem ser introduzidas com a presença do computador que deve propiciar as condições para os estudantes exercitarem a capacidade de procurar e selecionar informação, resolver problemas e aprender independentemente.



A utilização das TDIC podem contribuir para a interação entre o alunado e o docente, para a coletividade (que ficou bem evidente e que é de extrema relevância ser tratado na era na qual estamos), para a autonomia, a invenção e a criação, além de organizar e reorganizar conhecimentos adquiridos. Todos os conteúdos repassados pelo professor são aclamados e atingem confiabilidade e importância, pois essa ação do construir acontece de maneira interligada.

É um novo método desafiador e que ainda perturba diversas pessoas, empresas e classes. Somos convidados a produzir e reproduzir assuntos com altos níveis de qualidade, proliferando a aplicabilidade dos meios de comunicação, essencialmente pelo modo do compartilhamento e da construção de informações e da produção do conhecimento, tornando assim a interação onipresente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo, foi possível identificar a importância das TDIC como parceira da educação na formação do indivíduo. Entretanto, notou-se que esse novo modo de aprender, pouco se faz presente na realidade de alguns educandos e educadores. A trajetória no Brasil ainda é longa.

Os educandos do *lócus* da nossa pesquisa se esforçam bastante quando o objetivo é aprender a ler e a escrever através do computador e os educadores, por sua vez, empenham-se na busca por conhecimentos computacionais para que as suas aulas nos laboratórios de informática possam ser melhores aproveitadas. Baseado nesse contexto, é notório que o ambiente escolar não se limita apenas às aulas tradicionalistas, ele pode ir muito além, dependendo da necessidade de cada educando. É importante lembrar que a tecnologia não é a solução para erradicar os problemas encontrados na educação, mas é um suporte para que possamos chegar a um caminho mais próximo da solução.

Faltam muitas transformações ainda. É necessário muitas políticas públicas educacionais voltadas para as TDIC, talvez quando o Brasil conseguir obter essas conquistas, possam minimizar os obstáculos dos educadores no contexto de sala de aula.

R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. R. de et al. O estudo de caso como método de pesquisa em enfermagem: uma revisão integrativa. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 4, e5360016, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000400308&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 20 mar. 2020.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

CALLEJA, J. M. R. Os professores deste século – algumas reflexões. **Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó: Investigación, Biodiversidad y Desarrollo**, v. 27, n. 1, p. 109-117, 2008.

COSTA, C. S. da; FOFONCA, E. **A mediação tecnológica e a aprendizagem em avá: relevâncias educacionais no contexto da educação on-line**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24849_12161.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DUQUEVIZ, B. C. **Tecnologias digitais: sentidos atribuídos por adolescentes à aprendizagem de Língua Estrangeira**. 2017. xiii, 139 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, W. R. S; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GARCIA, S. C. **Objetos de aprendizagem: investindo na mediação digital do conhecimento**. VII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL. UCPel (Universidade Católica de Pelotas) e UFPel (Universidade Federal de Pelotas), Pelotas - RS. De 18 a 20 de outubro de 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/artigos/objetos/Garcia_Simone.pdf>. Acesso em 20 de março de 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.

LEITE, L. S. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, W. et al. **Tecnologia e educação**. As mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

MACIEL, C. de O.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; CASTRO, M. de. O ideário de escola na ótica dos docentes: pura subjetividade ou padrões estruturados de cognição nos Cursos de Administração?. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 12, n. 3, p. 659-688, Sept. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552008000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552008000300004>.

MIRANDA, G. E. R. A. (2002). **The role of ICT in teacher education: The development of web pages by project method**. *Education-line*. Consultado em Maio de 2007.

MORAN, J. M; MASSETTO, M. T; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias mediação pedagógica**. 15 ed. São Paulo: Papyrus, 2009.

NEVADO, Rosane A. (1996). **Processos Interativos e a Construção de Conhecimentos por Estudantes de Licenciatura em Contexto Telemático**.

OLIVEIRA, João Paulo de; MELO, Magnolia Maria da Rocha & SOUSA, Sandra Emília Barros de. **Tecnologias digitais na educação: desafios e perspectivas para o século XXI**. Disponível em: <<
http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA19_ID12800_19082016151545.pdf >> Acesso em 15 jan. 2020.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

POSTMAN, Neil (2002). **“O fim da Educação: redefinindo o valor da escola”**. Rio de Janeiro: Editora Graphia1.

REGO, A. M. X. Educação: concepções e modalidades. **Scientia Cum Industria**, v. 6 n. 1 p. 38-47, 2018.

SILVA, C. T.; GARGÍLIO, J. A. (2008). **O processo de formação docente nas políticas públicas de inclusão digital**.

TONETTO, L. M; BRUST-RENCK, P. G; STEIN, L. M. Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 34, n. 1, p. 180-195, Mar. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100013>.

R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.



Valente, J. A. **Tecnologia e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.

VIANNA, C. E. S. Evolução histórica *do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira*. **Revista Janus**, Lorena-SP, ano 3, n. 4, 2006.

VIEIRA, A.T; COSTAS, J.M.M; MASSETTO, M; ALMEIDA, M.E.B; ALONSO, M. **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003. Masseto 2003.

ABSTRACT

The digital inclusion of individuals is a necessity of the time in which we live. Learning how to handle technologies is an essential role in the life of the educator for the formation of critical thinking of the learner. In this case study, will be reported the experience lived by educators of Digital Inclusion and students of the EJA-Youth and Adult Education in a company in the city of Juazeiro-Ba. Trying to break down barriers, reduce obstacles and facilitate the educator-educator-computer interaction, was what motivated to approach these people in relation to the classes held in computer labs, which occurred three times a week in the company itself. Reporting the obstacles and difficulties, and the relevance of the discoveries of the technological world, this work will show the contact of the educator and the educator with the computer and the great opportunity to use the computer knowledge in the daily life of these people. The computer becomes part of the EJA classes as an extra source of learning to read and write and is no longer just a factor of digital inclusion that integrates them into society. It is a new method of developing different processes of teaching learning in adulthood, also a new possibility for educators to streamline their classes and motivate learners not to give up learning.

KEYWORDS: Educator; Teaching; EJA; TDIC.

Data de submissão: 2020

Data de aceite: 2021